

Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 840 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.DA
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

APAVORADO COM A SUA OBRA

Aquêle que usa da sua fôrça, para oprimir, seja maldito eternamente. Para êsse, não haverá sorriso, nem amor e patente aos seus olhos, constantemente se mostrará um hórrido espectro, o terror.

ISHAHAR — por A. BEN-RO H.



Hitlezito, forma popular do hebraico Hetlezut, palavras que significam *Terror* e *Perversidade*, designa um monstro de aspecto humano, que quis ser Faraó e quis ser Haman, mas nada mais foi que um filho da pura noite, alimentado por uma curta inteligência.



Por onde passou o incêndio, a devastação e a morte o aclamavam. A sua pequenez apavora-se perante a imagem cheia de grandeza da sua vítima-Israel. Na Germânia já se não ouve o *Heil Hitler* e ainda soa o *Shemah Israel*.

UM DOCUMENTO HISTÓRICO

A carta do Presidente Truman ao General Eisenhower

A carta que se segue, datada de 31 de Agosto, foi enviada pelo Presidente Truman ao General Eisenhower, juntamente com uma cópia do relatório de Harrison:

«Recebi e estudei o relatório do Sr. Earl G. Harrison; nosso representante na Comissão Intergovernamental em prol dos refugiados, sobre a sua missão de investigar das condições e necessidades das pessoas deslocadas da Alemanha, que não têm nacionalidade ou não sejam repatriáveis, muito particularmente dos judeus. Junto vos remeto uma cópia desse relatório. Além disso, tive também uma longa conferência com êle sobre o mesmo assunto.

Se bem que o Sr. Harrison dê o devido desconto ao facto de, durante os primeiros dias da libertação, a enorme tarefa da repatriação em massa requerer um excesso de atenção, relata condições existentes actualmente que requerem remédio pronto. Eu sei que estas condições não estão em conformidade com as disposições promulgadas pelo Quartel General das Forças Expedicionárias Aliadas, actualmente o Executivo Combinado das Pessoas Deslocadas. Mas são o que de facto existe. Por outras palavras, essas disposições não são cumpridas por alguns dos vossos oficiais subalternos.

Por exemplo, os oficiais do governo militar foram autorizados e até receberam ordens para exigirem facilidades de aboletamento à população alemã em benefício das pessoas deslocadas. Porém, de acordo com o relatório, isto não se tem feito em larga escala. Aparentemente, há a convicção de que todas as pessoas deslocadas, sem atender à perseguição de que foram alvo devem permanecer nos campos, todos êles repletos e fortemente guardados.

Alguns destes campos são precisamente os mesmos em que essa gente foi posta em monte, passou fome, foi torturada e forçada a presenciar a morte dos seus companheiros, amigos e parentes.

As medidas anunciadas eram para que se desse preferência a essa gente sobre a população civil alemã, em matéria de alojamento. Mas a prática parece ser uma coisa inteiramente diferente.

Temos de intensificar os nossos esforços para tirar essa gente dos campos e metê-los em habitações decentes até poderem ser repatriados e evacuados. Essas habitações deveriam ser requisitadas à população alemã. É esta uma das maneiras de cumprir as disposições de Potsdam, de que o povo alemão «não pode escapar-se à responsabilidade dos males que trouxe sobre si».

Cito êste parágrafo que se refere particularmente aos judeus entre as pessoas deslocadas:

«Da maneira como as coisas estão agora, parece que estamos a tratar os judeus como os nazis os trataram, exceptuando o facto de não os exterminarmos. Encontram-se em grande número, em campos de concentração, sob a nossa guarda militar em vez de sob a guarda das tropas SS. Somos levados a perguntar se, ao ver isto o povo alemão não suporá que seguimos ou pelo menos perdamos a conduta nazi.»

No relatório encontrareis outros exemplos que quero dizer:

«Espero que adopteis a sugestão de que seja instituído um plano mais vasto de inspecção feita por grupos apropriados do quartel general, para que não seja permitida a infracção das medidas humanitárias anunciadas. A maioria das más condições actualmente existentes, nos campos de pessoas deslocadas seriam rapidamente remediadas se chegassem ao vosso conhecimento ou ao conhecimento dos vossos oficiais de fiscalização por meio de visitas de inspecção.

Sei que estais de acordo comigo quando digo que temos uma responsabilidade particular para com estas vítimas da perseguição e da tirania, que se encontram na

nossa zona. Temos de mostrar bem claramente ao povo alemão que nos repugnam absolutamente as medidas nazis de fome e perseguição.

Não teremos melhor oportunidade para o demonstrar do que pela maneira como tratarmos os sobreviventes que ainda restam na Alemanha.

Espero que me comuniqueis o mais breve possível os passos que pudesdes dar afim de fazer desaparecer as condições mencionadas no relatório.

Entro agora em comunicação directa com o governo inglês, num esforço porque se abram as portas da Palestina às pessoas deslocadas que para lá desejem ir."

A seguir, algumas passagens extraídas do relatório de Harrison (Harrison Report).

Alemanha e Áustria

Duma maneira geral, três meses depois do dia V e até muito mais tempo depois da libertação de grupos individuais, muitos judeus deslocados e outros possivelmente não repatriáveis, vivem ainda guardados e cercados de arame-farpado em campos de toda a espécie (construídos pelos alemães para trabalhadores de escravos e judeus), incluindo alguns dos mais célebres campos de concentração repletos, e em condições frequentemente anti-higiênicas e geralmente deprimentes, em inteira ociosidade, sem qualquer oportunidade de comunicar com o mundo exterior a não ser clandestinamente e sempre à espera da esperança duma palavra de encorajamento e acção em seu favor. A mortalidade tem sido grande depois da libertação, como era de esperar. Um capelão do exército, um Rabbino, atendeu pessoalmente, depois da libertação, a 23.000 entêrros (90 % de judeus), só em Bergen-Belsen, um dos maiores e mais perversos campos de concentração, onde, incidentalmente, apesar dos persistentes comunicados em contrário, ainda vivem 14.000 pessoas deslocadas, incluindo mais de 7.000 judeus.

A preocupação mais absorvente destas vítimas dos nazis e da guerra é nada saber dos seus parentes: Mulheres, maridos, pais e filhos. A maior parte dêles têm estado separados há 3, 4 ou 5 anos e não podem compreender porque é que os libertadores não fizeram imediatamente um

esforço organizado para reunir grupos de famílias. Quási tudo, do muito pouco que se tem feito neste sentido, tem-se limitado a uma acção informativa empreendida pelas próprias pessoas deslocadas, auxiliadas por dedicados capelães do exército, frequentemente Rabbinos, e pelo Joint Distribution Committee Americano.

A nacionalidade dos Judeus

Embora seja impossível determinar com precisão o número de judeus que actualmente se encontram na parte da Alemanha que não está ocupada pela Rússia, tudo indica que o número é pequeno, atingindo provàvelmente o máximo de 100.000. Algumas pessoas bem informadas afirmam que o número é muitíssimo menor. Os principais grupos nacionais são polacos, húngaros, romenos, alemães e austríacos. A primeira e mais evidente necessidade desta gente é o reconhecimento do seu actual estado legal, e, por isto, eu entendo o seu estado de judeus. Quási todos êles passaram anos nos piores campos de concentração.

Em muitos casos, embora isto ainda não se saiba em toda a sua extensão são os únicos sobreviventes das suas famílias, e muitos sofreram agonia de presenciar a destruição dos seus entes queridos. Conseqüentemente, o seu actual estado físico e moral é muito pior do que nos outros grupos.

Sendo êles agora considerados apenas como membros de grupos nacionais, o resultado é que não se pode prestar atenção especial às suas necessidades naturalmente maiores, porque, segundo se declara, isso implicaria a uma preferência que levaria a complicações com a parte não judaica de cada um dêses grupos nacionais. Assim tentar-se-ia uma falsa solução do problema. Recusar reconhecer os judeus como tais terá como resultado, neste caso, fechar os olhos à sua perseguição anterior que foi muito mais bárbara e que já fez dêles um grupo à parte com maiores necessidades. A sua segunda grande necessidade só poderá ser apresentada discutindo o que eu acho ser o seu futuro destino.

Por motivos bem claros que não é preciso mencionar, a maior parte dos judeus

deseja sair da Alemanha e da Austria o mais breve possível. E' esse o seu primeiro e mais ardente desejo, e embora este relatório trate necessariamente de outras necessidades presentes da sua situação, muita desta gente chega a recear outras sugestões ou planos em seu benefício, devido à possibilidade de assim se afastar a atenção do importantíssimo problema de evacuação da Alemanha. O seu desejo de abandonarem a Alemanha é urgente. A vida que têm levado nos últimos dez anos, vida de receios, vida errante e de tortura física têm-os tornados impacientes com este atraso. Querem ser já evacuados para a Palestina assim como outros grupos nacionais estão a ser repatriados para os seus países.

Não olham com prazer a idéia de estarem à espera na ociosidade e desconforto num campo de concentração alemão, meses sem conta, até que se encontre com todo o vagar uma solução para o seu problema.

Quanto aos possíveis locais da refixação para os que não tenham nacionalidade ou que não queiram voltar à sua terra, a Palestina é definida e predominante a primeira escolha, muitos têm lá parentes, ao passo que outros experimentaram a intolerância e a perseguição nas suas terras durante muitos anos e sentem assim que na Palestina serão bem acolhidos, acharão paz e sossego e terão a oportunidade de viver e trabalhar. No caso dos judeus polacos e bálticos, o desejo de vir para a Palestina, numa grande maioria de casos, no amor pelo país e dedicação pelo ideal sionista. Também é certo que há muitos que desejam ir para a Palestina porque sabem que as suas possibilidades de serem admitidos nos E. U. ou noutros países do hemisfério ocidental são limitadas, senão nulas. Porém seja qual for o motivo que os leva a voltarem-se para a Palestina, é, indubitavelmente, o facto que a grande maioria dos judeus actualmente na Alemanha não desejam regressar aos países de onde vieram.

A Palestina não só é declaradamente a escolha da maioria mas também o único local escolhido onde é possível a emigração. Alguns, em pequeno número, desejam emigrar para os E. U. onde têm parentes, outros para a Inglaterra, domínios ingleses ou América-do-Sul.

Conclusão e recomendações

A questão da Palestina tem que ser encarada de frente. Agora que já não estão implicados tão grandes números e se há verdadeira comiserção pelo que estes sobreviventes já sofreram, deve ser possível fazer-se qualquer modificação ou excepção ao Livro Branco inglês de 1939, sem que isso tenha graves repercursões. Para alguns dos judeus europeus não há qualquer solução aceitável ou sequer decente relativamente ao seu futuro, senão a Palestina. Isto afirma-se por razões puramente humanitárias, sem qualquer referência a considerações políticas ou ideológicas, no que respeita a Palestina.

Baseado em informações idênticas, suponho que os certificados da emigração para a Palestina ter-se-ão esgotado no fim do corrente mês (Agosto de 1945). O que vai ser no futuro? Todo aquêle que visitou os campos de concentração que falou com os desesperados sobreviventes considera uma calamidade ao ver que as portas da Palestina em breve estarão fechadas. A Jewish Agency da Palestina submeteu ao governo inglês uma petição para que fôsem concedidos mais 100.000 certificados de emigração. O Memorandum que acompanha a petição faz uma exposição persuasiva quanto à capacidade imediata de absorção da Palestina e a geral falta de homens aptos nesse país. Ainda que haja motivos para diferenças de opinião quanto ao número preciso dêesses certificados, os quais possam ser considerados razoáveis nesses casos, não se pode fazer questão de que se este pedido fôsse satisfeito, contribuiria muito para a completa solução do futuro dos judeus que ainda se encontram na Alemanha e na Austria, e mesmo de outros judeus deslocados que não desejam lá ficar, nem regressar aos seus países de origem. Não há, pois, assunto mais importante no que respeita aos judeus da Alemanha e da Austria e aos das outras terras que conheceram os horrores dos campos de concentração, como a solução do problema da Palestina. Diz-se que o Dr. Hugh Dalton, insigne membro do actual governo inglês, declarou na conferência do partido trabalhista, em Maio de 1916: «Este partido já hoje expôs e repetiu na recente data de Abril passado e

desta vez, atendendo aos indizíveis horrores perpetrados contra os judeus da Alemanha e de outros países ocupados da Europa, é moralmente injusto e politicamente indefensável, impôr obstáculos à entrada agora na Palestina de todos os judeus que para lá desejem ir... Também declaramos que isto não deve ser olhado como um assunto de que só o governo inglês tome a responsabilidade porque, visto que êle entra, como muitos outros, num campo internacional, é indispensável que haja inteiro entendimento e cooperação entre os governos inglês, americano e soviético, especialmente se tencionarmos estabelecer uma colônia fixa na Palestina e nos países que a rodeiam. Se se pode dizer que isto representa o ponto de vista do novo governo da Inglaterra não seria de-certo despropositado que o Ex.^{mo} Governo dos Estados-Unidos exprimisse o seu interesse e apoio por qualquer solução equitativa desta questão, que daria a possibilidade a um número razoável de judeus perseguidos da Europa e agora sem pátria de se fixarem na Palestina. Esse é o seu desejo, que está perfeitamente dentro da política geralmente aceite de permitir que grupos de família se unam e reúnam.

Afim de terminar êste relatório rapidamente para que possivelmente se tomem medidas o mais cedo possível, não perdi tempo a analisar tôdas as notas tomadas no decurso das minhas visitas ou a fazer comentários sôbre a situação na França, Bélgica, Holanda ou Suíça, também visitadas. Por consequência, peço respeitosa-mente que êste relatório seja considerado de índole parcial.

Os problemas actuais da Alemanha e da Austria são muito mais sérios e difíceis do que em qualquer dos outros países mencionados, e êste facto também me pareceu ser de pêso para a compleição de um relatório parcial imediatamente depois de terminada a minha missão.

Em conclusão, desejo repetir que a grande solução, em muitos casos, a única verdadeira solução, do problema, é a rápida evacuação de todos os judeus não repatriáveis da Alemanha e da Austria que assim o desejem, para a Palestina.

Para ser eficaz, êste plano não deve ser retardado por muito tempo. E' preciso que se reconheça a urgência da situação.

E' desumano crer que alguém continui a viver por qualquer espaço de tempo, nas condições em que êles vivem.

A evacuação dos judeus da Alemanha e da Austria para a Palestina solucionará o problema de cada uma das pessoas envolvidas e também afastará das autoridades militares um problema que elas têm tido que enfrentar. A possibilidade que os exércitos têm de transportar milhões de pessoas com rapidez e eficiência, tem sido largamente demonstrada. A evacuação de um número relativamente pequeno de judeus, da Alemanha e da Austria, não apresentará grandes dificuldades para os militares. Terminada a guerra com o Japão, a situação dos transportes marítimos também deve ter melhorado bastante para tornar praticável uma tal deslocação. O mundo civilizado, tem, para com êste punhado de sobreviventes, o dever de lhes dar uma pátria onde possam de novo fixar-se e começar a viver como seres humanos.

Obra do Resgate

No dia três de Setembro (25 de Elul de 5705) na Sinagoga Kadoorie Mekor H'aim, à Rua Guerra Junqueiro, foi recebido na Aliança de Abraham o descendente de judeus maranos. Eduardo José de Campos Pereira Manaças, de 26 anos, natural de Ponta Delgada (Ilha de S. Miguel — Açores) com o curso de construções, obras públicas e minas. Recebeu como nome de congregação Moshé Ben-Menasseh.

Comendador Pardo Roques

Por uma informação vinda de Londres soubemos que o nosso amigo da Obra do Resgate dos maranos portugueses, Comendador Giuseppe Pardo Roques, da Universitá Israelítica de Pisa fôra assassinado pelos nazis na cidade de Pisa (Itália). Este bom era de origem portuguesa.

Que a sua alma seja reunida ao feixe da vida eterna, e que o seu corpo repouse em paz e glória.

No Ghetto de Varsóvia...

Morrer... mas devagar!...

No bairro mais miserável e insalubre de Varsóvia, que tinha sido duramente castigado pelos bombardeamentos de Setembro de 1939 (nos velhos tempos do grito de "Sieg im Osten"), ergueram os invasores da Polónia, um Ghetto, e aí cercados por forte muralha, sem qualquer conforto e absolutamente isolados do Mundo, 600 a 700 mil judeus de diversas nacionalidades, vítimas da Kultur-ariana, esperavam que o magarefe teutónico os viesse abater.

... Em meados de 1942 os "defensores da Europa" ordenaram a "liquidação" do Ghetto e com aquêlê método característico começavam as deportações e os massacres, nos quais os melhores frutos da ciência e indústria nazis foram postas em prática... Câmaras de gases, fuzilamentos em massa (talvez com tiros na nuca), enforcamentos e... outras torturas que excedem de longe aquelas do Santo Offício, de triste memória...

... Um ato após esta "liquidação" humanamente feita (sic) pelos "Herrenvolk" restavam ainda 35 mil judeus trabalhando como escravos e sempre com o "pesadelo" duma "liquidação final" diante dos olhos...

E no dia 20 de Abril de 1943 quiseram os nazis fazer essa "limpeza" mas... nem sempre o povo de Israel há-de ser a "ovelha perseguida" das velhas lendas... e dispostos a vender cara a vida, êstes sobreviventes, mal alimentados, para não dizer famintos, quasi sem armas, acolheram a Gestapo e as tropas nazis, com um nutrido fogo, que molestou bastante os "visitantes"...

Os vencedores de quasi tôda a Europa, os super-homens e defensores da Kultur e... da fé (?) foram forçados a empregar canhões, tanques, lança chamas e aviões para vencer êsses restos de homens livres que quiseram defender a honra judaica.

Após seis dias de sangrenta e feroz

luta, depois do último cartucho ter sido queimado, aquêles que tinham escapado às balas, morriam no meio das chamas e das ruínas do Ghetto...

Numa derradeira mensagem irradiada por um pôsto emissor clandestino, êles dirigindo-se aos seus irmãos da Palestina disseram: "Lutamos para salvar a honra de Israel e somos felizes por morrer de armas na mão"...

Este massacre levantou em todo o mundo livre, uma onda de simpatia e compaixão pelo martirizado mas invencível povo judaico, diversas foram as entidades aliadas e neutras que elevaram a voz num último apêlo ao que ainda pudesse existir de humano num coração nazi, afim de que tal barbarismo acabasse.

Entre tantos nomes ilustres devo salientar o Arcebispo de York que em palavras de repassada comoção, evocou o longo martírio do Povo da Lei e reafirmou a imortalidade do mesmo.

Vítimas de uma nação que através dos tempos tem semeado a morte, a fome e a ruína, por onde a tem levado a monomania de dominar o Mundo, nós os judeus preferimos tôdas as torturas, a renegar a nossa velha Fé.

Recordemos o que nos diz o capítulo 20 do Deuteronomio e encontraremos nêle a fôrça que nos ampara e guia através de todos os azares da vida terrena...

"Ouve, ó Israel, vós estais hoje próximos da batalha; não se amoleça o vosso coração; não temais, nem tremais, nem tendes medo, pois o Eterno vosso Deus é aquêlê que vai convosco."

ISAAC JACOB LOPES MARTINS.

Visto pela Comissão de Censura

PAUL GOODMAN

No dia 10 de Abril próximo passado completou 70 anos de idade o Sr. Paul



PAUL GOODMAN

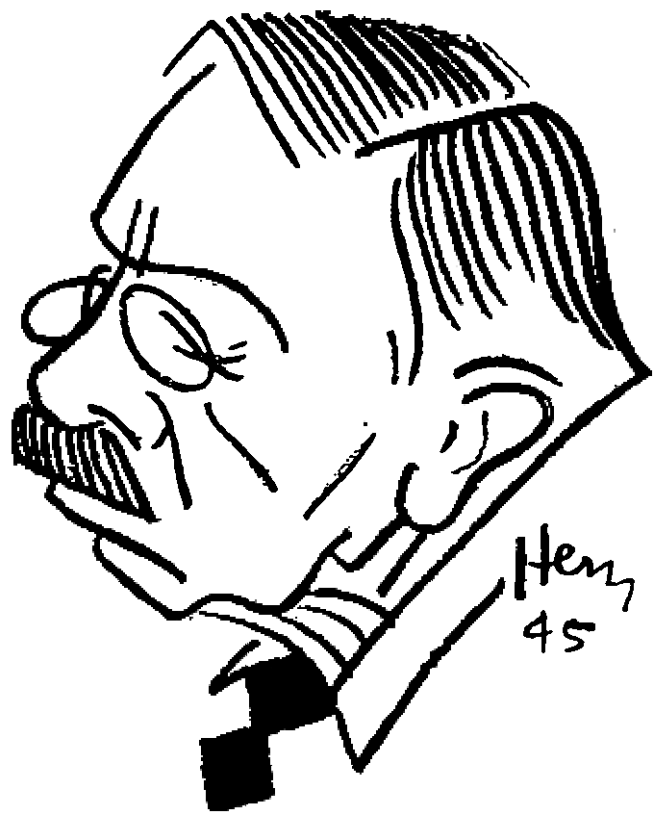
Goodman, digníssimo Vice-Presidente honorário da Comunidade Israelita do Pôrto.

O nosso homenageado é o Secretário honorário da Spanish & Portuguese Congregation de Londres, Comunidade fundada por judeus e cripto-judeus emigrados de Portugal e Espanha no tempo em que nestes países campeava a feroz Inquisição. Paul Goodman não é somente um pujante escritor como o demonstram os seus trabalhos literários, dentre os quais destaco *The History of the Jews e The Sinagogue and the church*, onde à levesa e graciosi-

dade da linguagem alia o rígido critério do historiador e o espírito piedoso de apologética.

É ele também o Secretário activíssimo do Portuguese Maranos Comitée de Londres que tem dirigido os trabalhos da Obra do Resgate em Portugal e tem procurado em todo o mundo jadaico elementos para que seja conduzida a bom termo a sagrada missão de redimir os descendentes dos mártires da Inquisição.

Ha-Lapid e todos os que têm tido a honra de conhecer pessoalmente este nosso ilustre correligionário, desejam-lhe uma longa e próspera vida, cheia de satisfação



Caricatura de PAUL GOODMAN

e alegria, para seu benefício e da causa judaica, que tanto necessita de tais homens. *Be-siman Tob.*

Calendário Israelita

Ano de 5706

(Tem 13 meses lunares)

- 1.^a lua (Tishri) — 30 dias
dia 1 — 8 de Setembro de 1945.
- 2.^a lua (Heshvan) — 29 dias
dia 1 — 8 de Outubro de 1945.
- 3.^a lua (Kislev) — 29 dias
dia 1 — 6 de Novembro de 1945.
- 4.^a lua (Tebet) — 20 dias
dia 1 — 5 de Dezembro de 1945.
- 5.^a lua (Shebat) — 30 dias
dia 1 — 3 de Janeiro de 1946.
- 6.^a lua (Adar) — 30 dias
dia 1 — 2 de Fevereiro de 1946.
- 7.^a lua (Veadar) — 29 dias
dia 1 — 4 de Março de 1946.
- 8.^a lua (Nisan) — 30 dias
dia 1 — 2 de Abril de 1946.
- 9.^a lua (Iyar) — 29 dias
dia 1 — 2 de Maio de 1946.
- 10.^a lua (Sivan) — 30 dias
dia 1 — 31 de Maio de 1946.
- 11.^a lua (Tamuz) — 29 dias
dia 1 — 30 de Junho de 1946.
- 12.^a lua (Ab) — 30 dias
dia 1 — 29 de Julho de 1946.
- 13.^a lua (Elul) — 29 dias
dia 1 — 28 de Agosto de 1946.

(Este ano tem 383 dias)

Dias festivos no ano de 5706

Rosh Ashaná — 1.^o dia — 8 de Setembro de 1945.

Rosh Ashaná — 2.^o dia — 9 de Setembro de 1945.

Kipur — 17 de Setembro de 1945.

Sucot — 1.^o dia — 22 de Setembro de 1945.

Sucot — 2.^o dia — 23 de Setembro de 1945.

Hoshaná Rabá — 28 de Setembro de 1945.

Shemini Aseret — 29 de Setembro de 1945.

Simhá Torá — 30 de Setembro de 1945.

Hanucá — 1.^o dia — 30 de Novembro de 1945.

Hanucá — 8.^o dia — 7 de Dezembro de 1945.

Purim — 17 de Março de 1946.

Pesah — 1.^o dia — 16 de Abril de 1946.

Pesah — 2.^o dia — 17 de Abril de 1946.

Pesah — 7.^o dia — 22 de Abril de 1946.

Pesah — 8.^o dia — 23 de Abril de 1946.

Shabuot — 1.^o dia — 5 de Junho de 1946.

Shabuot — 2.^o dia — 6 de Junho de 1946.

Jejuns em 5706

Assassínio de Guedaliá — 10 de Setembro de 1945.

Kipur (dia de Expição) — 17 de Setembro de 1945.

Cêrco ao Templo — 14 de Dezembro de 1945.

Jejum de Esther — 14 de Março de 1946.

Tomada do Templo — 16 de Julho de 1946.

Destruição do Templo — 6 de Agosto de 1946.